

3 1 6 2 9 4 3 9 5 3 2 0 8 6 4 1 0 7 5 2 1 9 8 0 4 9 0 0 4 7 1 0 3 7 1 0 3 1 8 5 9 2 6 1 5 9 7 0 3 2 5 9 4 8 6 0 7 4 3 6 1 3 5 8 9 3 8 7 9 5 2 6 1 0

Conjuntura econômica

O que é essencial?

Pablo Rieznik

Segundo estimativas do Grupo de Conjuntura do CEBRAP, a queda do Produto Interno Bruto oscilará em dezembro próximo entre 2% e 5,2% em relação a 1982. Um prognóstico mais preciso, conforme as previsões dos desempenhos setoriais, apontará uma cifra negativa não inferior a 4%. Se isto ocorrer, a renda per capita brasileira média em 1983 será 12,8% inferior à de 1980. Os números apenas confirmam um diagnóstico já formulado a partir dos mais diversos ângulos e perspectivas: trata-se da mais grave e prolongada crise econômica desde a década de 30. Se a observação da conjuntura permite detectar tendências, os dados mais recentes indicam que a curva recessiva não mostra sinal algum de reversão. Ao contrário, os indícios de que o "fundo do poço" ainda não foi atingido obrigam, em todo caso, a caracterizar com maior precisão o significado da fase atual da crise.

Começemos, não obstante, detalhando alguns indicadores marcantes da situação presente.

a) O nível de atividades na indústria paulista, nos primeiros oito meses do ano, caiu 4,3% em relação a igual período de 1982. Uma previsão realista sobre o desempenho anual indica que a produção industrial do país ficará entre 6 e 7% abaixo do correspondente ao ano passado. Isto significa que em 1983 a magnitude da produção industrial será similar à de 1976/1977.

b) No que diz respeito à agricultura, as expectativas de que seu crescimento atenuasse em parte o desempenho negativo do PIB estão frustradas. Tudo indica que o produto agropecuário permanecerá inalterado em relação a 1982. A atual safra de grãos, originalmente estimada pela Fundação Getúlio Vargas em 55 milhões de toneladas, ficará, segundo dados mais recentes, em torno de 47,5 milhões de toneladas. A quebra na safra do arroz e milho implicará em importações não previstas (300 mil toneladas e entre 600 e 800 mil toneladas, respectivamente). O declínio na safra do feijão só não repercutirá na balança de pagamentos se utilizados os estoques oficiais existentes que, neste caso, seriam dramaticamente reduzidos.

c) Em ritmo mais violento que os indicadores produtivos, deterioraram-se as condições de vida da população: segundo cálculos do DIEESE, a queda do salário real, no último semestre, logo após o aumento "expurgado" de agosto último, foi de 16% e será de quase 30% nos próximos seis meses, caso seja mantida a atual política salarial. Um "arrocho" verdadeiramente cavalgar. Os dados referentes ao desemprego não ficam atrás: entre dezembro de 1980 e julho último a indústria de São Paulo demitiu 412 mil trabalhadores (100 mil nestes sete primeiros meses do ano). A nível nacional 20% da força de trabalho encontra-se inativa. No Nordeste o quadro só pode ser qualificado como um verdadeiro genocídio.

3 5 4 7 1 2 9 4 3 9 5 3 2 0 8 6 4 1 0 7 5 2 1 9 8 3 4 9 0 6 4 7 1 0 8 3 4 1
2 0 4 8 5 0 3 6 1 8 5 2 6 1 5 9 7 0 3 2 5 9 4 8 6 0 7 4 3 6 1 3 5 8 9 5 8 2 1 2 0 7

d) A situação atual caracteriza-se também pela bancarrota financeira da União, das empresas estatais, estados e municípios. A dívida interna federal soma 21 trilhões de cruzeiros (se adicionados aos títulos públicos os depósitos contabilizados em dólares no Banco Central — Resolução n.º 432). Está implícita também neste quadro uma peculiar forma de "distribuição de renda": o vice-presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro calculou que nos sete primeiros meses do ano houve um resgate líquido de títulos da ordem de 600 bilhões de cruzeiros, que foram parar nas mãos do sistema financeiro e das multinacionais, "credores" da União.

e) Neste contexto, o governo encontra-se negociando (?) com o FMI e os credores externos numa situação de insolvência completa. Em função dos compromissos já articulados, teremos este ano o fato fantástico de uma economia em bancarrota . . . exportadora de capital. Esta exportação — via superávit comercial — atingirá entre 10 e 15 bilhões de dólares no biênio 1983/1984.

f) Por último a inflação, termômetro dos "desajustes" de todo o sistema produtivo, atinge, por sua vez, patamares desconhecidos na história do país: nos últimos três meses o índice Geral de Preços foi de 40%, equivalente a uma taxa anual de 285%.

Diante deste quadro, como caracterizar, a situação atual no plano econômico? Os indicadores apontados nos fornecem, em primeiro lugar, um panorama da destruição física das forças produtivas nacionais: o parque industrial "parado" alcança 30% da capacidade instalada, os braços cruzados — e sua contrapartida de miséria e indigência — correspondem a pelo menos 10 milhões de brasileiros "ociosos" (de uma população economicamente ativa de aproximadamente 45 milhões de pessoas). Nos dão, em segundo lugar, interessantes pistas sobre os beneficiários da situação. Um exemplo? Com um montante equivalente aos recursos superavitários no comércio exterior, destinados a completar os pagamentos correspondentes à dívida externa, neste ano, poder-se-iam financiar doze salários mensais de 50 dólares a cada um dos 10 milhões de desempregados. Mas importa assinalar sobretudo que, por trás das cifras levantadas, está presente uma conjuntura de desorganização e desagregação

profunda de todo o sistema econômico. São os circuitos e mecanismos "normais" da economia capitalista submetidos à dinâmica dos mercados paralelos, da economia submersa, de uma acumulação puramente fictícia de capital (sem contrapartida produtiva), da explosão da desintermediação financeira, dos negócios não registrados em divisas e bens especulativos etc.

Porém, não é um caos sem lógica própria. O que está em pauta é toda uma tentativa de "reajustar" a economia nacional às exigências de uma reestruturação do mercado mundial comandado pelo capital financeiro e os grandes conglomerados monopolísticos: total liberdade de movimentos para o capital externo, desvalorização dos ativos nacionais e da mão-de-obra, eliminação dos mercados cativos, realinhamento da política externa. A competência para levar em frente esta linha de trabalho não pode ser negada (uma das tolices mais generalizadas no último período é falar da política econômica em termos de "incompetência" e "incapacidade técnica"). Trata-se, ao contrário, de sair do âmbito puramente "técnico", de enxergar o fundamental. Aí está o caso da dívida externa: ficção contábil que mascara em "débitos" e "créditos" o *status* semicolonial da economia nacional, isto é, a mistificação de contabilizar como "obrigações" os infinitos mecanismos dos lucros fraudulentos e da transferência de renda interna para os "credores" pela via do contrabando (sobre faturamento e subfaturamento), da fuga de capital, dos preços de monopólio, da especulação financeira etc. Não basta fazer contas sobre o montante impagável, é necessário investigar estes mecanismos e revelar a natureza de um Estado que atua como "fiador" desta gigantesca negociata, que se coloca a serviço da especulação contra a moeda nacional ("dolarização"!!). A "conjuntura" atual está colocando no primeiro plano do dramático cenário atual a essência mesma das relações de opressão e dominação que constituem a base fundamental do tardio capitalismo nacional, seus desequilíbrios e as monstruosas disparidades regionais e sociais que marcam a sua especificidade.

Eis a questão.

Pablo Rieznik é membro do grupo de Conjuntura Econômica do CEBRAP.

**Novos Estudos Cebrap, São Paulo,
v. 2,3, p. 70-71, nov. 83**